



VII Simpósio Nacional de História Cultural  
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,  
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**OS ÚLTIMOS ACORDES DA BELLE EPOQUE: O ALMANACK  
ANNUARIO DE SÃO CARLOS, SP, 1928.**

Arrovani Luiz Fonseca\*

A antiguidade dos almanaques na história humana mostra-nos como é possível um gênero ter perpassado por vários lugares e tempos sem perder seu propósito inicial: o de guardar informações variadas e um meio de registrar o domínio humano sobre o tempo. Ao fazermos um levantamento sobre suas origens e usos encontramos na civilização grega o registro da palavra *almenikhiaká*, que tem como sentido principal a ideia de uso pela astrologia. Na Idade Média surge a palavra *almanac* advinda do árabe “*al-manakh*”, dando o sentido de calendário ou mesmo o significado de “o memorial”.

Entre os povos germânicos primitivos encontra-se a palavra “*allmud-agt*” que circulava na região da Escandinávia e Alemanha e indicava profecias e antedatava em um ano as fases da lua. Entre os chineses existem documentos confirmatórios sobre existência desse gênero desde tempos muito antigos. A propriedade da invenção dos almanaques é muito difusa, no entanto seu gênero inicial está diretamente ligado a delimitações de ciclos, períodos, inclusive predições.

Como se observa o tempo e seu modo de dominar constitui a matéria principal dos primeiros almanaques antigos. Um tempo que registrado através de calendários delimita um outro tempo pelo próprio homem através de calendários, datação de

---

\* Mestre em História pela Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da UNESP – Campus de Franca. Professor do curso de História da Fundação Municipal de Ensino Superior de Bragança Paulista – FESB.

colheitas, meteorologia. Alguns sinônimos associados à constância temporal que emergem dos almanaques para delinear sua função utilitária para os homens das mais antigas civilizações, a condução do ritmo da vida inserindo-se dessa forma em seu sentido pontual na demarcação do cotidiano.

Distanciando-se dessa ideia de tempo mais frequente entre os almanaques antigos, ocorre uma variedade de conteúdos, a saber: os astronômicos, os náuticos, os agrícolas com previsões meteorológicas, os gastronômicos, etc. Outra acepção atribuída aos almanaques advém dos povos do oriente que sob uma tenda ouvia as lições dos patriarcas e que posteriormente eram reproduzidos nas publicações de almanaques. Nesse sentido, outra acepção vinda do árabe pode ser também a de um

lugar onde a gente manda ajoelhar os camelos; daí, conto, que neste lugar se ouve, e finalmente calendário. Eguilaz dá o lat. manachus (circulus) empregado por Vitruvius no sentido de círculo de um meridiano que servia para indicar os meses. No baixo latim aparece almanachus e no baixo grego alamanakon, nome dado por Eusébio a calendários egípcios. também e quer dizer lugar onde se conta onde se narra acrescentando-lhe «estação», «região», «clima». No Petit Robert, lê-se que «do lat. medieval almanachus, árabe almanakh, provavelmente do siríaco, rad. ma, lua, mês». Geneviève Bollême, autoridade na matéria, é de opinião que a palavra significou primitivamente «a conta», «o cômputo».<sup>1</sup>

Dessa forma a possibilidade do almanaque é de que seus conteúdos perpassaram muitos fatos da vida humana jogando com o lance cambiante do presente e do futuro, tão caros a existência humana. Há um episódio fabuloso que diz que uma vez o sultão Osman pedindo a uma dos seus redatores que era responsável a criação de almanaques em seu reino. Perguntou a ele se venceria alguma guerra naquele ano. Vejamos:

- Deus me revela que Tua Alteza fez mal em empreender essa guerra. Este ano tua espada não saberá fazer mal a ninguém.
  - É o que vamos ver - replicou o sultão - furioso.
- E com um golpe de sua cimitarra degolou o astrólogo<sup>2</sup>

Fato chocante que evidencia a tamanha valorização das predições nas sociedades antigas. Valorização essa que se transforma nos augúrios do publicador no sentido de que

<sup>1</sup> CORREIA, J. D. P., e GUERREIRO, M. V. - Almanagues ou a Sabedoria e as Tarefas do Tempo. Revista ICALP, vol. 6, Agosto/Dezembro de 1986, p.44.

<sup>2</sup> Todas as informações tiradas até aqui forma tiradas de <http://www.almanaque.info/abertura01.htm> acessado em 27.07.2014

este se torna senhor que tece com o tempo significados, domínio da vida e da morte, da sorte boa ou do azar. O almanaque captura esses sentidos e coloca-os a mostra do ser humano. À medida que sua consulta sempre se fará de forma constante, ele se torna o livro de registros da passagem, dos trânsitos, da demarcação idílica na memória dos homens.

Uma bela história que remonta a origem dos almanaques é apresentada por Eça de Queiroz e é referenciada pelo trabalho de Maria Carlos Radich:

“uma velha lenda talmúdica”, segundo qual dois sábios, filhos de Seth, procuraram salvar do Dilúvio a ciência até então acumulada, escrevendo em material recuperável o “livro de todo o saber”; E o “Livro de todo saber, gravado para a humanidade vindoura sobre o tijolo e o granito, nas vésperas do Dilúvio, por dois sábios, filhos de Seth, era, na realidade – um almanaque”<sup>3</sup>

Uma outra importante noção acerca do almanaque aparece revelada aí: a de ser um receptáculo do conhecimento. Sobre as origens dos almanaques ainda que difusa pelo muitos usos e apropriações dos mesmos pode parecer muito incerta, no entanto sua forma vem sendo acompanhada de certa maneira de lidar o ordenar o tempo.

“(…) Desde o século XVIII ou o século XVII, mesmo antes, o almanaque é um gênero ao mesmo tempo literário e editorial utilizado para difundir textos de natureza extremamente diferente. Daí o sucesso perpetuado de um livro que pode ser, ao mesmo tempo útil e prazeroso, didático e de devoção, tradicional e “esclarecido”. Essa diversidade organiza a tipologia das obras, dos simples calendários, que indicam os santos de cada dia e as fases da lua, até os almanaques poéticos ou enciclopédicos. Ela se encontra igualmente no seio de muitos almanaques compostos de textos capazes de responder a todas as demandas, de satisfazer a todas as necessidades”<sup>4</sup>

As muitas variações do uso e das definições em torno dos almanaques na história nos faz pensar nas formas em que estes assumem em tempos e espaços específicos. Que discursos são capazes de portar? Que linguagens usam no intuito de se projetarem como um produto idealizado por aquele que o realiza? Em meio a uma sociedade em transformações de que choques e conflitos, que imagem é idealizada capaz de destacar umas em supressão a outras? Ao escolhermos o almanaque de 1928 da cidade de São

<sup>3</sup> RADICH, Maria Carlos. Almanaque – tempos e saberes. Portugal. Centelha, p.11.

<sup>4</sup> CHARTIER, Roger. O livro dos livros: os Almanques no Brasil. Estudos Sociedade e Agricultura, 13, outubro 1999: 139-142.



Carlos, interior paulista, entendemos este dentro de uma temporalidade específica: a Belle Époque sustentada pelo avanço da cafeicultura no interior de São Paulo.

No ano de 1928 surge o Almanack Anuario de São Carlos por Jose Ferraz de Camargo. Compõe-se de uma publicação volumosa e atualizada do município com muitas fotografias, anúncios publicitários, quadro especial de políticos ilustres e também aspectos urbanos de São Carlos a época. No seu texto introdutório, Bento de Abreu Sampaio Vidal remete agradecimentos e ao mesmo tempo instruções sobre a empresa de publicar o almanaque a José Ferraz de Camargo. A citação apesar de longa pode-nos fazer muito bem compreender as dimensões desse tipo de publicação:

Venho a confirmar o que tive ocasião de lhe dizer pessoalmente: São Carlos precisa ter o seu Almanach annual e o amigo deve encarregar-se deste trabalho, não tanto pelo lucro que possa dar, e é justo que de, como pelo serviço que presta de divulgação das cousas locais. Uma cidade não é como o individuo conhecido e ignorado. Para mover o seu commercio, sua industria, os seus negócios, para ter a consideração da política dos governos, para obter o dinheiro necessário ao movimento ao movimento de sua vida, para comprar e vender, é preciso que cada dia, a cidade affirme sua existência, chame para si a atenção do mundo, faça-se conhecida, admirada, receba as visitas de pessoas de toda a parte que venham conhecê-la. Por isso reputo o Almanach annual de imensa utilidade. Pequeno, resumido, portátil, leve, dando informação de tudo o que nos interessa: calendário, festas, luas, estatísticas, das industrias, commercio, lavoura, médicos, advogados, etc., - quem inventou o Almanach tinha sem duvida engenho. Não só lucrarão os de fora, como os habitantes da cidade ficarão sabendo o que ignoram a importância de sua terra. Conheço muitos homens notáveis que são colleccionadores de Almanachs. Há dias mostrou-me um delles precioso Almanach de Campinas para 1872. de José Maria Lisboa. Com que ternura elle mostrava-me os nomes dos velhos campineiros que figuravam no livro! Era a historia viva, com todos os detalhes, uma vista cinematográfica daquele período. É bem o Almanach a base para a historia de uma cidade e reputo a historia de uma cidade o melhor meio de crear a tradição e esta é sem duvida a creadora da mentalidade e da cohesão de um povo. Parece-me que o Almanach deve ter uma linha. Não é um repositório de elogios. A linguagem, até os annuncios, deve ser discreta. Deve conter artigos somente sobre cousas locais, descrições e noticias resumidas de industrias, de fazendas, etc.. Poucas photographias, para não encarecer a obra, Santa Casa, Escola Normal, Igreja. O Almanach não pode ser volumoso sob pena de custar caro e não preencher os fins da divulgação. Sou sempre contrario a que as Câmaras Municipaes concorram para álbuns, revistas, que se publicam na Capital e no Rio e que nenhum interesse nos dão devido a sua pequena tiragem. Para o Almanach local é obrigação das Câmaras concorrerem. É o interesse do município e o resultado vale de sobra a despeza. Estando a testa da empresa pessoa de responsabilidade todos os particulares e commerciantes e industriais prestarão o seu concurso. O Almanach atravessa os annos e sempre é lido com interesse .

O texto de Bento de Abreu Sampaio Vidal, é um convite para uma incursão imperdível do nosso objeto. Para este, o almanaque, é uma exposição dos melhores atributos do progresso local. Um livro que “fala” da cidade e revela como mesmo ele diz “uma história viva”, perpassada por “uma vista cinematográfica”. Uma coletânea de cenas em sequência dos “quadros” e das múltiplas facetas da cidade. Essa última imagem nos direciona a dialogar com as estruturas dos almanaques dessas cidades do interior de São Paulo. A palavra se referencia a um jogo de cenas múltiplas sugerindo a ideia de movimento rítmico que compõe quadro a quadro o conjunto do almanaque. Dadas as considerações metafóricas, o autor do texto nos sugere a imagem em forma de uma leitura do almanaque tal como se esta fosse a noção de um número expressivo de imagens simultâneas carregadas de estímulos, de vibração, de movimento. O almanaque, dessa forma, sugere aí uma forma de leitura. Tem o intuito de atuar como entretenimento, ao mesmo tempo em que torna a leitura ágil para a apreensão de uma totalidade. O que não pode imaginar é que o leitor ao se sentir estimulado a ter essa visão que captura de forma sensível as imagens, ao passo que a leitura textual, a informação, constitui para o leitor está fazendo de um modo muito particular de uma aventura própria.

A esse respeito, de um sentido fílmico do almanaque, uma consideração acerca do cinema se faz bastante útil. Ao que nos diz Benjamin em sua obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica diz o seguinte:

Através dos seus grandes planos, de sua ênfase sobre pormenores ocultos dos objetos que nos são familiares, e de sua investigação dos ambientes mais vulgares sob a direção genial da objetiva, o cinema faz-nos vislumbrar, por um lado, os mil condicionamentos que determinam nossa existência, e por outro assegura-nos um grande e inusitado espaço de liberdade. Nossos cafés e nossas ruas, nossos escritórios, e nossos quartos alugados, nossas estações e nossas fábricas pareciam aprisionar-nos inapelavelmente. Veio então o cinema que fez explodir esse universo carcerário com a dinamite dos seus décimos de segundo, permitindo-nos empreender viagens aventurosas entre as ruínas arremessadas à distância. (BENJAMIN, 1933: 189).

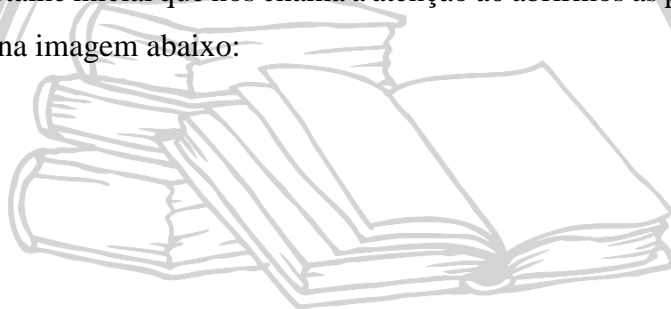
Ainda retomando ao texto do Almanach de São Carlos de 1928, Bento de Abreu Sampaio mostra-nos a importância que este tem para criar a tradição e esta é sem dúvida a criadora da mentalidade e da coesão de um povo. Aqui a imagem do Almanaque como livro de conteúdo, de livro dos livros como expressou o historiador francês Roger Chartier. Este mesmo explicita que

O almanaque é um livro destinado a todos e que todos, mesmo os menos letrados ou os analfabetos, podem "ler". Mas, desde o século XVIII ou o século XVII, mesmo antes, o almanaque é um gênero ao mesmo tempo literário e editorial utilizado para difundir textos de natureza extremamente diferente. Daí o sucesso perpetuado de um livro que pode ser, ao mesmo tempo, útil e prazeroso, didático e de devoção, tradicional e "esclarecido". Essa diversidade organiza a tipologia das obras, dos simples calendários, que indicam os santos de cada dia e as fases da lua, até os almanaques poéticos ou enciclopédicos. Ela se encontra igualmente no seio de muitos almanaques compostos de textos capazes de responder a todas as demandas, de satisfazer a todas as necessidades.

(<http://biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/brasil/cpda/estudos/treze/charti13.htm>)

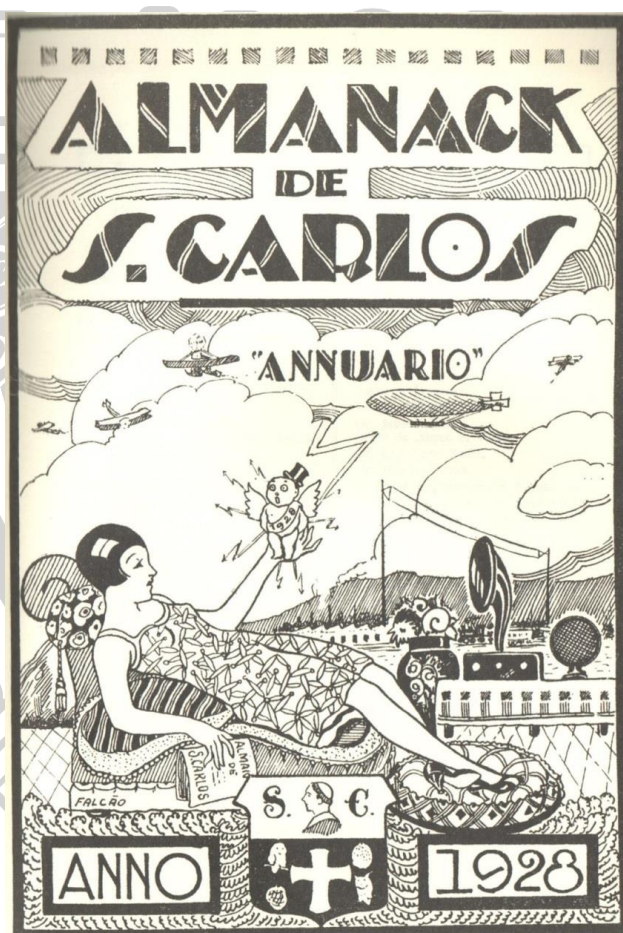
Ainda no trecho citado acima, atentemos para a frase, “elemento de coesão do povo”. Eis aqui uma maneira de dizer de forma mais nítida o formato destes almanaques de cidade: o de expressar uma certa identidade. Esta identidade se faz na composição das páginas destes em que se encontram elementos descritivos da história local, listas de profissionais, imagens da cidade, publicidades, e não tão menos importante a figura dos seus editores/organizadores/publicadores. O almanaque desse modo é o meio comunicativo expresso das intencionalidades de renovação das forças e de confirmação das mesmas do desejo de atualidade de constância e de progresso não deixando de lado sua substância primordial que é a temporalidade. Bento Sampaio de Abreu, termina seu texto com outra importante idéia, a se pensar desse modo: “O Almanach atravessa os annos e sempre é lido com interesse. De forma geral o almanaque confirma os aspectos novidativos das cidades elencadas legitimando dessa maneira o presente vivido”

Uma detalhe inicial que nos chama a atenção ao abrirmos as páginas desse último almanaque esta na imagem abaixo:



**História Cultural**





A imagem é repleta de simbologias: aviões, gramofones, energia elétrica, zepelins, tendo ao centro uma senhorita deitada languida ao sofá com seu cabelo Chanel segurando um boneco em que se lê o ano de 1928. De primeira página esses ícones estampados no almanaque representam essa temporalidade marcada entre os finais do século XIX e início do XX de um resultado do progresso II Revolução Industrial, ou Revolução Técnico-Científica, que criou um conjunto variado de invenções alçados pela prodigiosa engenharia e racionalidade técnica que vislumbrava essa época garantindo a crença na ciência e sua extensão a muitos níveis das relações humanas. A cena no seu conjunto projeta os maquinismos dessa época sob uma nova forma de sonhar e ver o mundo e nesse sentido os salões internacionais das “exposições universais” (cf. FOOT-HARDMAN, 2002) ao mesmo tempo que apresentava aos olhos do público a força da ciência e sua associação direta com o progresso, confirmava o grau de riqueza das nações. Passa-se a existir a noção de que a humanidade seguramente vivia assentada em uma época de ouro uma bela época.

Na América e em geral no sul, essa percepção temporal, a Belle Epoque, ainda se manteve depois de alguns anos da Primeira Guerra Mundial (CAMARGOS, 2002).

p.22). Pensando conforme esse contexto, percebo no meu objeto de estudo, os almanaques como divulgadores de ideias que abarcam assuntos variados e que se ligam diretamente ao seu uso. Estes por sua vez sobreviveram como um gênero já consolidado em meio a grande expansão da imprensa focada nas grandes revistas ilustradas que expunham gêneros de consumo e de comportamentos assentados no cosmopolitismo europeu que por sua vez se caracterizava pela mística do progresso do mundo urbano-industrial bem como das atitudes narcísicas (CAMARGOS, Id).

Pelo exposto, a vinculação direta entre cafeicultura e capitalismo internacional torna mais relevante pensar na relação direta dos pequenos centros do interior paulista com esse circuito cultural moderno e capitalista da segunda metade do século XIX. Vemos o florescimento de cidades antes vilarejos e aldeotas em concentrações pouco consideráveis de gente e casas, vinha se acentuando, no Brasil, desde meados do Império (Cf. COSTA, E) e está diretamente relacionado a hegemonia da produção cafeeira no sudeste brasileiro trazendo como corolário a intensa imigração da segunda metade do XIX. A intensa ligação das áreas produtoras de café no interior paulista especificamente trouxe a cidades como Rio Claro, São Carlos, Campinas, Limeiras, Piracicaba, Ribeirão Preto, Franca, Araraquara, a urgência de se ligarem ao porto de Santos através de vias férreas para que o produto não perdesse tempo de escoamento bem como de negócios internacionais (Cf. DEAN, W). As ferrovias, assim apresentam-se a esses lugares como a chegada do progresso e da ciência racional impactando os espaços urbanos com seus traçados retos na forma do tabuleiro de xadrez, com suas ruas largas, pavimentadas, avenidas, jardins públicos, iluminação elétrica, etc apresentando as cidades o encurtamento do espaço e tempo da experiência da história onde a modernidade como projeto burguês europeu também se consubstanciava nessas terras.

Dessa forma as cidades do interior paulista surgidas na esteira do café, revelam-se como objetos instigantes a compreensão dessa modernidade. As imbricações e ambiguidades de traços imprecisos e titubeantes dessa modernidade contem em seu interior, os choques de tensões entre razão/desrazão, da civilização/barbárie, do arcaico/moderno, do urbano/rural, do atraso/progresso, do vencedor/vencido, do público/privado (DOIN, J.E.). É nesse espaço de múltiplas nuances modernas, de simbologias e fantasmagorias que se forjou e se afirmou a República, portadora, como o recém falecido regime monárquico, de uma vocação à ambivalência e ao ocultamento.



A imagem que discutimos pouco atrás abre portas para se pensar a Belle Epoque mas também no que diz respeito ao fim das sua existência como sensação cultural. O nosso trabalho quer abrir caminho para a discussão em torno da existência de indícios na leitura do *Almanach de 1928* que nos remetem a esse aspecto de apagamento das experiências. Utilizamos para tal incursão os textos de Walter Benjamin na discussão da ideia de “rastro”.

Segundo Jaime Ginzburg, “observar um rastro no chão, um bilhete de uma viagem feita no passado, uma fotografia, assim como contemplar um espaço em ruína, pode envolver o esforço de pensar na existência à luz das perdas: são situações em que um fragmento, um resto do que existiu pode ajudar a entender o passado de modo amplo e, mais do que isso, entender o tempo como processo, que o resto é também imagem ambígua do que será o futuro (GINZBURG, 2013, p.109). Como se certifica Benjamin, “a riqueza de fragmentos é o material para a reconstrução histórica”.

Escolhemos “caminhar” pelas páginas do almanaque de 1928 tendo como embasamento a percepção desse objeto como retentor do fluxo presente/passado memória a se preservar em textos e imagens. Momento da memória do progresso a ser revisitado e reinserido na relação com o tempo. Aqui os fragmentos da historicidade das ruas, edifícios, ícones do progresso surgem numa cena que move o hoje(1928) em direção ao passado bem como o passado em relação ao hoje. Mas são esses rastros que nos permite perceber o continuum de um discurso mas que o continuum em si não tem. Ele é apresentado sobre a forma de uma sequencia de vários tempos formando o próprio tempo da cidade no progresso capitalista mimetizado pela Belle Epoque. Assim é que o almanaque de 1928 mostra-se na relação com esse tempo como uma “vista cinematográfica” uma amostra fragmentária que ao mesmo tempo em trânsito entre os finais dos anos 20, já precursor de mudanças.

Por isso, retomando a noção de “rastro” é que percebemos uma “interpretação do humano em pautas que envolvem componentes dissociativos e cindidos”, o que quer dizer que o rastro é incapaz de produzir uma narrativa longa e linear e sim cortes, esquecimento e dissonâncias”.

O rastro perceptível no Almanaque de 1928 é o do fechamento de um tempo, uma época que se finda embora experiência que ainda se viveu porque foi nela que se construiu a materialidade desse tempo.

A Belle Époque com sua magia barroca de luzes, misturas de estilos, ecleticamente sem estilo algum, caminha célere para seu ocaso. O mundo das imagens celeremente reproduzidas, dos cartazes imensos, dos sportsmen, do jazz-band, de Chicharrão, da velocidade, do automóvel, do aeroplano, do cinematographo, de Perola White, de Carlitos e de Mutt & Jeff, já coroa nesse início dos frementes anos vinte.

A nova era é marcada por um bárbaro sotaque de praticidade, ostentação, funcionalidade, crueldade darwinista, velocidade, banalização. Seu nascimento, entre nós se faz sob o signo da crise e da falta de rumos. É um melancólico 1920 o ano de sua inauguração, palco das vicissitudes enfrentadas pelos produtos brasileiros nos mercados exteriores. (DOIN, p.33)

Apesar da mudança de hegemonia que se verifica nos anos 20 que nota a alternância da Europa para os EUA e a da já certa influência econômica e cultural deste para o mundo, vemos o Almanaque de 1928 de São Carlos registro do rastro de uma época. Mas se para Benjamin, a preocupação maior era em relação aos rastros dos ausentes não englobados por uma história dominante, pensamos que no caso desse objeto/fonte a intenção maior é a da evidência da dominação sobre e a possibilidade de uma história a contrapelo.

Além da imagem que inaugura a abertura do almanaque de 1928, outros textos, imagens, outras marcas, nesse imenso acervo levam-nos a entender a historicidade da cidade de São Carlos. Vejamos.

São Carlos sempre foi uma cidade progressista e, para se ter uma certeza disso, basta que saiba qual a sua idade. Sessenta e pouco anos representam uma insignificância para a existência de uma coletividade. Sessenta e poucos anos não oferecem margem de sobejo para que uma cidade possa apresentar os aspectos que a nossa apresenta. Temos progredido muito e muito, eis o inegável.

No entanto cumpre realçar que o desenvolvimento material de S. Carlos, elevou-se bastante nestes dois últimos anos, e isso fica patente pelas inúmeras e modernas construções que estão sendo plantadas por toda parte e de maneira notável na parte alta da cidade. Podíamos aqui citar que a indústria vai, dia a dia, se ampliando entre nós; que o comércio se desenvolve e se firma a um tempo; que a lavoura se mantém em lugar de destaque perante as classes sociais; que a instrução entre nós se tornou um aparelhamento invejável. Tudo isso podíamos comentar nesta oportunidade. Mas, procurando sintetizar esta obra para que não perca o seu sabor natural, diremos, simplesmente, que o número de prédios para estabelecimentos comerciais e industriais cresce e cresce sempre. Isso significa muito. O aumento da população indica com exuberância, o progresso de um povo. (Almanaque Anuario de S. Carlos de 1928, sem página).

Algumas imagens associadas a esse progresso intercalam textos e anúncios de produtos, serviços e lojas comerciais. Esta imagem especialmente intitulada “O progresso de S. Carlos”, título do mesmo texto acima descrito dá-nos a dimensão do olhar para os acontecimentos da cidade no caminho da ritualização do novo como nesta página abaixo do almanaque.



Ao lado a esquerda aparecem a câmara municipal de S. Carlos e logo abaixo a praça Cel. Salles. Na pagina seguinte a Cia Paulista de Eletricidade Na pagina seguinte um fato curioso nos lança na procura dos rastros de uma cidade envolvida no progresso, num exercício de crença sobre si e sob o tempo e o espaço urbanos. Numa rápida apresentação de um fato cotidiano, provavelmente oriundo das praticas culturais de abastecimento da zona rural que encontra ainda uma partícula de existência junto a um meio que absorve e contempla a técnica, encontramos a imagem abaixo das mais significativas para a discussão de rastro.



ALMANACH ANNUARIO .DE SÃO CARLOS



**O PROGRESSO  
SANCARLENSE**

O cliché ao lado mostra como se vendia o leite, em S. Carlos, pouco tempo passado.



O de baixo mostra como se vende hoje, graças às exigencias do nosso progresso.



A ambivalência da imagem extraída do almanaque é das mais desconcertantes pois a noção de progresso aí não encontra seu chão encarada de maneira imediata na noção de superação técnica através da fantasmagoria. O que vemos é um serviço de abastecimento num formato de meio de locomoção recortado de paisagens rurais e que encontram-se no urbano.

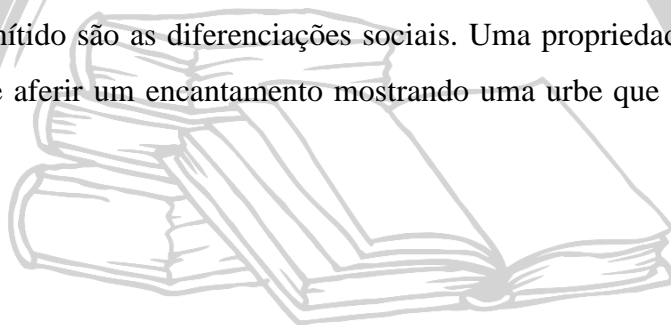
No rastro dessa *Belle Epoque* tardia, dos seus últimos acordes encontramos uma série de anúncios comerciais. Através deles podemos fazer uma leitura da sociedade são-

carlense no que diz respeito a existência de uma cidade voltada para o consumo. Neste momento, a cidade do progresso, que vive o sua loucura numérica com modo de vida moderno também atende a necessidade de se mostrar acompanhando as mudanças do modo de vida civilizado bem como reenquadramento dos gêneros na geração do gosto do consumo conspícuo.

Segundo Thaís Cristina Martino Sehn:

Vale lembrar que foi exatamente nesta mesma época (final do século XIX - início do século XX) que aconteceu o início de uma relativa democratização do consumo de forma mais evidente. Antes disso, o ato de ir às compras – exemplo clássico da ação de consumir – não era tratado com muita atenção e muito menos encarado como uma forma de lazer. A não existência de uma produção em massa fazia com que as pessoas comprassem diretamente dos fabricantes, sendo a alfaiataria um dos exemplos mais claros em relação a isto. Após o surgimento das lojas de departamento (estas nitidamente inspiradas nas exposições internacionais, organizadas nesse período), a relação das pessoas perante o consumo mudou drasticamente. A associação do consumo com o lazer possibilitou uma mudança de comportamento social, sobretudo em relação às mulheres que, sufocadas por um paradigma patriarcal e machista, enxergaram no ato de comprar nestas lojas – precursoras dos atuais shoppings center – uma brecha para possibilidades de interação social e expressão pessoal. (SEHN, 2007).

Visto desse modo, o habitante da cidade se cerca de variedade e de um repleto repertório de produtos. No seu interior cria-se uma tensão que o leva ao confuso dilema entre a necessidade e o desejo de consumir. A medida que o consumo se amplia e se massifica dentro da cultura das cidades cafeeiras esconde um conflito no entorno da questão social: ele passa portanto a definir quem pode consumir, nesse sentido, daí, resultado mais nítido são as diferenciações sociais. Uma propriedade do almanaque de cidade seja a de aferir um encantamento mostrando uma urbe que se vende através de suas paginas.





ALMANACH ANNUARIO DE SÃO CARLOS

## Livraria Paulista

Livros sobre ciencias, artes, literatura, Direito, escolares, etc.

ULTIMAS novidades musicas

Brinquedos, material escolar, livros em branco, papel de todos os qualidades

**ALBERTO BERETTA**  
Rua M. José Ignacio, 70-Tel., 337  
SÃO CARLOS

Aceitam-se encomendas de livros e pertences ao ramo

ALMANACH ANNUARIO DE SÃO CARLOS

## CASA ZAMBRANO

Seccos e Molhados  
RUA CONDE, 90

**Ferragens e Louças**  
RUA CONDE, 95

**Camas e Colchões**  
RUA CONDE, 101

**TELEPHONES, 9 e 92**  
Deposito Geral: - Rua Conde, 101  
São Carlos

## Casa de Moveis São

**SIMERO KISNER**

Mobílias completas para quartos, salas de visitas e jantar

Peças avulsas, guarda-casaca, guarda-roupa, Buffet, Etagéres, lavatorios, Camas patente e camas de ferro esmaltado. Tapetes, oleados «Congoleum» e «Linoleum». Mobília typo austriaco para sala de visitas, etc., etc.

**PREÇOS EXCEPCIONAES**

ALMANACH ANNUARIO DE SÃO CARLOS

## GARAGE "CHRYSLER"

ESTA BEM MONTADA GARAGE POSSUE POSSANTES CARROS CHRYSLER SIX E HUDSON, 7 LOGARES, DE LUXO, PARA CASAMENTOS, ENTERROS, PASSEIOS, BAPTISADOS, ETC.

Fazem-se viagens dentro e fóra do municipio a preços razoaveis -- Attendem-se chamados a qualquer hora do dia e da noite.

Carros dirigidos por habéis profissionais do volante


ANNEXO BEM MONTADO HOTEL

### RAPHAEL DE GUZZI

Praça Antonio Prado, 5 - Telephone, 591 - São Carlos

ALMANACH ANNUARIO DE SÃO CARLOS

## LIVRARIA BRASIL



Papelaria, livraria, brinquedos, perfumarias, objectos de escritorio, artigos para pintura e desenhos. — Unicos Agéntes e distribuidores da VICTOR, Victrolas, Orthophonicas, e discos. — "UNDERWOOD" a rainha das machinas de escrever.

Pianos alemães importados directamente das fabricas de maiores renomes

**Vendas á dinheiro e a prestações modicas**

### ACCACIO & MARIGO

Rua S. Carlos, 176 - Telephone, 31 - São Carlos

ALMANACH ANNUARIO DE SÃO CARLOS

## Alfaiataria Gallucci

DE  
**Eugenio Gallucci**



Completo e variado sortimento de caseiras — miras, brins, sedas, etc.

Trabalhos pelo systema moderno e pelos ultimos figurinos - Aromptam-se ternos sob medida em 24 horas.

Garante-se perfeição e elegancia

PREÇOS REDUZIDISSIMOS

Sortimento completamente novo e moderno

**RUA GENERAL OSORIO, 125**  
Telephone n. 423 :: S. CARLOS

## Salão Central

CASA DE 1.a ORDEM

Tinturas, Massagens, Ondulações Permanentes e Champoo

Annexo: Um bem instalado gabinete exclusivamente para senhoras e senhorinhas com os mais modernos aparelhos

**Attende-se a chamados pelo TELEPHONE, 653**  
Rua Major José Ignacio, 72  
Em frente ao Theatro São Carlos





O trabalho que envolve o conjunto dessas atividades mostra um centro urbano dinâmico febricitante, com uma população urbana exigente de novos padrões culturais de consumo que dava sustentação a uma população que se deslocava do campo para a cidade. As novas relações sociais de produção que se desenvolvem tanto no campo como na cidade estão exigindo um aparato estrutural que torna o consumo demonstração dessa faceta moderna onde novos materiais, estilos, hábitos, penetram o cotidiano.

Nesse ambiente modernizado, recorremos a memória como ponto de instante no tempo que captura uma cena denotando nitidamente as nuances dessa cidade em meio aos torvelinhos do mundo urbano consumista.

No trabalho do Sociólogo Osvaldo Serra Truzzi sobre São Carlos faz uma análise sobre essa característica da cidade que pensava viver num progresso constante e desejado delimitando características de hábitos novos frente a esse tempo:

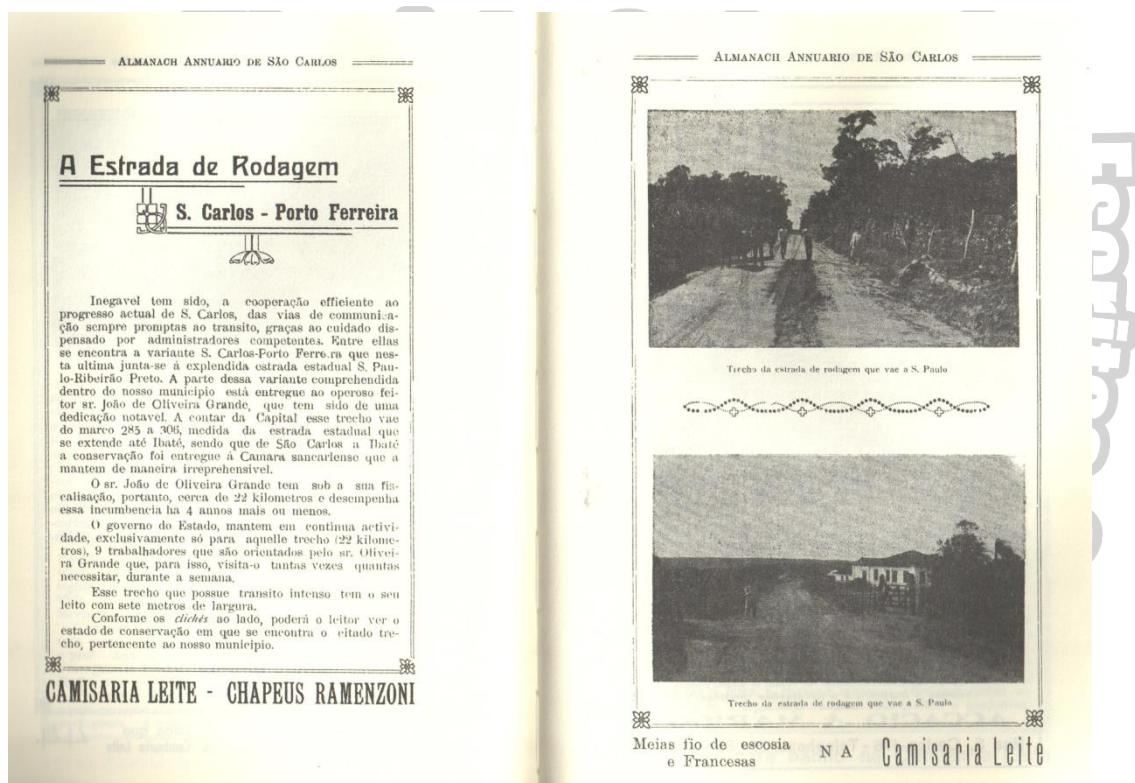
[...] Por volta de 1890, São Carlos era uma das cidades mais progressistas do interior do estado de São Paulo. O que seus cidadãos pretenderam criar em sua cidade foi uma *cópia perfeita da vida urbana e cultural da capital*. A “Princesa do Oeste” foi o primeiro epíteto que inventaram para a cidade, pois na época café e oeste eram quase sinônimos [...]. A cidade queria dizer civilização, o que por sua vez significava progresso do consumo. Era a realização da vida neste mundo. Os fazendeiros, tanto quanto nascia na fazenda, desabrochava na cidade e florescia na civilização. Na fazenda eles nasciam e trabalhavam; e, que produziam na fazenda, e preparavam-se para morrer. [...]

Em resumo, a cidade era idealmente o lugar para consumo e não para produção. Era o lugar onde as luzes ficavam acesas à noite; onde as senhoras frequentavam o hipódromo; e onde um fazendeiro jamais deixava sua casa sem usar sobrecasaca e chapéu de seda. A Princesa do Oeste nasceu pra irradiar sua beleza e divertir a vida, e não para trabalhar para produzir alguma coisa. A maior parte das empresas fundadas pelos fazendeiros na virada do século – as companhias de luz elétrica, de telefones, de bondes, o teatro, os sistemas de água e esgoto – eram obras de melhoramento, em outras palavras, empresas orientadas para o consumo e não para a produção.

As transformações do século XIX denominada de Belle Epoque na Europa e que agonizariam com a Primeira Grande Guerra (1914-1918). Porém como experiência que se prolongara até meados dos anos 20, ela ajudou a criar no imaginário das elites brasileira a característica de “recusa e evasão, pois nas mudanças da Belle Epoque a elite celebrava não somente o que era feito como também o que era desfeito”(NEEDEL, p67). Chegava ao ponto de negar seu passado colonial para se fazer-ter e fazer-ser através da provocação de um progresso para derrubar o passado ao redor e dentro de si. Civilizar exigiria uma demonstração de forças em que apagar o passado significa civilizar-se, ao mesmo tempo que anunciavam a chegada de um novo tempo. Se num primeiro momento São Carlos deveu seu surgimento como cidade progressista levando como base o binômio café/ferrovias, incrivelmente sua própria energia de transformações anunciava a chegada de um novo tempo. Nessa imagem, a anúncio de uma notícia de avanço: as estradas de rodagem entre Descalvado em São Carlos.



**História Cultural**



O final dos anos 20 coincide com o governo do presidente Washington Luis que havia sido prefeito de São Paulo entre 1914 e 1919. Como prefeito ajudou a fundar o Automóvel Club paulista dessa forma “cuidou de materializar esses impulsos em programas específicos na administração municipal. A partir de 1917, orientou suas ações no sentido da difusão e da propaganda do automobilismo e das estrada de rodagem” (MENDONÇA, p. 248).

Numa fala em que discorria sobre esse desejo de abrir estradas aproveitando a sanha dos novos tempos do automóvel o então prefeito declara:

A estrada de ferro, já uma vez voz disse eu, foi, e continuará a ser, não há duvida alguma, um extraordinário elemento do nosso progresso; mas hoje não é o único rápido e não corresponde a todas as necessidades; (...)

Devemos, pois, fazer estradas de rodagem, ligando as estradas de ferro, atravessando as estradas de ferro, correndo ao lado das estradas de ferro, de que são poderosos auxiliares. Devemos fazer por toda a parte boas estradas de rodagem para todas as horas do dia, para todos os dias do ano.

Elas “facilitam a circulação do jornal, o acesso à escola, concorrendo para a difusão dos conhecimentos e da instrução; garantem a segurança à propriedade e mais pronta assistência às pessoas; permitem encantadores passeios, agradáveis ao espírito e úteis à saúde; são condições do barateamento da vida pela diminuição do custo do transporte e pela aproximação entre os extremos que produzem e os



centros que consomem; são as semeadoras de cidades.(APUD, Mendonça, 2009, p3.).

Como observa o historiador Robson Pereira Mendonça,

“nesta perspectiva o olhar do administrador voltou-se para as possibilidades de abertura, incorporação e valorização de terras inacessíveis, não cobertas pelas linhas-tronco e pelos ramais ferroviários, conforme podemos aferir em seus comentários sobre os efeitos do plano rodoviário no andamento de seu governo [...]”.(2009, p4)

Ao longo desse texto buscou-se discutir o almanaque de 1928 de São Carlos como fonte/objeto de um contexto de transformações econômicas e culturais em que a Belle Epoque como experiência vai cedendo lugar ao ritmo do progresso que agora se impõe sob a égide dos anos dourados americanos de 1920. Por isso aqui relacionamos a imagem dos últimos acordes. Enquanto documento, expressa as várias formulas textuais e imagéticas pelas quais o próprio almanaque se configura como uma experiência do tempo, uma marca um rastro da qual torna-se possível caminhar para instantâneos da historia da cidade e perceber assim seus sentidos dessa trama discursiva da qual o almanaque torna-se um meio.

